

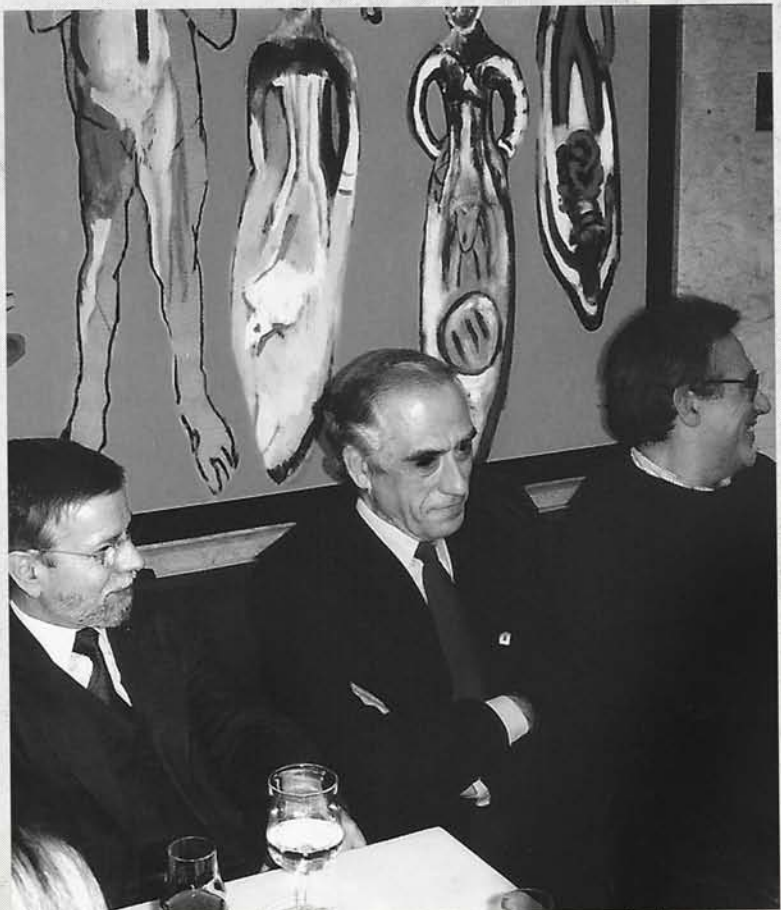
DEBATE III► Investigadores do Porto questionam presente e futuro da Ciência em Portugal
III► Críticas à redução de financiamento e de oportunidades de carreira com o actual Governo

Cientistas de todo o país, uni-vos!

Alfredo Maia

“A pergunta ‘Para onde vai a ciência portuguesa?’ não é uma pergunta científica. A gente não sabe! A gente só sabe para onde quer que vá!” A pergunta era o ponto de partida para o primeiro um ciclo de debates no café Guarany, “Porto com Ciência”, animado por Sobrinho Simões e Rui Mota Cardoso. E Mariano Gago, cientista, antigo ministro da Ciência e Tecnologia, não resistiu a criticar o estado e rumo das coisas. “Os últimos dois anos foram uma desgraça”, declarou, acusando o governo de reduzir o orçamento, e não fazer recrutamentos e de cortar nos incentivos fiscais às empresas que apoiam a investigação.

A situação “está mal, pode ser pior, mas há possibilidade de dar a volta”, disse o cientista, com o salão apinhado, depois de ouvir um rol de intervenções entre a desilusão pelos recuos “do último ano, ano e



Sobrinho Simões (à direita) quer um Estado responsável

Fundação para a Ciência dá 230 milhões a doutorandos

III A Fundação para a Ciência e Tecnologia dispõe de 230 milhões de euros para bolsas de doutoramento, o que representa um aumento de 12,4% em relação a 2003, anunciou o seu presidente, Ramoa Ribeiro. Após uma reunião com os

directores das unidades de investigação da Universidade do Porto, explicou que o programa de apoio à pesquisa deve seguir a tendência europeia de cobertura de áreas específicas, como a biologia computacional

com a falta de perspectivas de carreira para os jovens investigadores que poderemos vir a perder para os países onde estes faltam (alerta de Mariano Gago) ou reduzidos à “alternativa” de dar aulas predominantemente e fazer ciência como hobby (observaram Cláudio Suka e Corália Vicente).

“É preciso ganhar a batalha da convicção da população de que a ciência é boa para os seus filhos, que dá respostas aos problemas das pessoas e do Mundo”, exortou ainda Gago. Mas

do financiamento para a Ciência que deveríamos, quando a indústria incorpora menos investigação do que devia, quando se gasta mais em estádios?

“Não podemos ter uma posição defensiva”, receitou Nuno Grande, que é “do tempo em que a ciência era insultuosa” para o poder, pelo que é necessário, propôs, “uma organização de cientistas reivindicativa, um corpo social capaz de fazer reivindicações sérias e justas”. Ou, como juntou Sobrinho Simões, “forçar o Estado a cumprir as suas obrigações”.